

GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

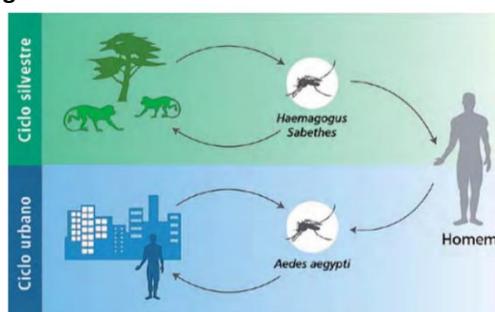
NOTA TÉCNICA – 02 - DIA 15 de Fevereiro de 2023

Assunto: Informações técnicas e recomendações sobre a vigilância de Epizootias, com foco na Febre Amarela no estado da Paraíba.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A febre amarela é uma doença infecciosa febril aguda, imunoprevinível, de evolução abrupta e gravidade variável, com elevada letalidade nas suas formas graves. A febre amarela é um arbovírus, é transmitida pela picada de mosquitos silvestres, fêmeas, do gênero *Haemagogus* e *Sabethes*, no ciclo urbano o gênero de importância epidemiológica é o *Aedes*, principalmente *Aedes aegypti*. Os mosquitos atuam como vetores e primatas não humanos (PNH) participam como hospedeiros (Figura 1).

Figura 1. Ciclo silvestre e urbano da Febre Amarela.



Fonte: GT_Arbo/SVS/MS.

2. CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Caso suspeito

Primata não humano de qualquer espécie, encontrado morto (incluindo ossadas) ou doente, em qualquer local do território nacional. **Todo caso suspeito deve ser notificado (Anexo B).**

Com base nas características levantadas, a partir dos achados da investigação, as epizootias notificadas devem ser classificadas em:

• Morte de macaco

- Rumor do adoecimento ou morte de macaco, com histórico consistente, sem coleta de amostras para diagnóstico laboratorial.
- Incluem-se nessa classificação aqueles eventos em que a investigação epidemiológica não reuniu amostras (diretas ou indiretas) para a investigação da causa da epizootia.

• Epizootia de primata “em investigação”

- Morte de macaco, constatada em investigação local, com coleta de amostras do animal objeto da notificação ou com coletas de amostras secundárias na investigação. Por exemplo: amostras de primatas remanescentes da área, contactantes do animal doente ou morto.
- Adicionalmente, a investigação no local provável de infecção (LPI) pode reunir amostras indiretas que podem contribuir na investigação, tais como: vetores para pesquisa de vírus, casos humanos sintomáticos ou indivíduos assintomáticos não vacinados, identificados na busca ativa.

• Epizootia confirmada para febre amarela

- Por laboratório: epizootia de primata cujo resultado laboratorial foi conclusivo para a febre amarela em pelo menos um animal do LPI.
- Por vínculo epidemiológico: epizootia de primata, associada à detecção viral em vetores, outros primatas ou em humanos no LPI. Devem ser considerados o tempo e a área de detecção, avaliando caso a caso, em conjunto com a Secretaria Estadual de Saúde (SES) e a Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS).

• Epizootia descartada para febre amarela

GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

- Epizootia de primata com resultado laboratorial conclusivo e negativo para febre amarela.

Obs.: Considera-se PNH doente o animal que apresenta comportamento anormal como: depressão, movimentação lenta (mesmo quando perseguido), ausência de instinto de fuga, segregação do grupo ou imobilidade no solo; e/ou perda de apetite, desnutrição, desidratação, presença de lesões cutâneas, secreções nasais ou oculares e diarreia, entre outros sinais ou sintomas.

3. VIGILÂNCIA DE EPIZOOTIAS EM PRIMATAS NÃO HUMANOS

3.1 VIGILÂNCIA PASSIVA

Toda a Rede de Vigilância em Saúde deve ser comunicada pela via mais rápida, de acordo com o fluxograma estabelecido para a vigilância de epizootias em PNH (Anexo A). A notificação deve ser registrada no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), em ficha padronizada para esse fim (Anexo B).

Toda morte de macaco e/ou epizootia suspeita deve ser notificada, utilizando-se a **Ficha de Notificação/Investigação de Epizootia**, e, com base nas características levantadas a partir dos achados da investigação, as epizootias devem ter a classificação a seguir especificada.

Além da notificação deve **registrar o evento (epizootia) no SISS-Geo** com localização precisa e em tempo oportuno. Acesso ao SISS-Geo Web: <https://sisgeo.lncc.br/>

Figura 2. Fluxo da Vigilância Passiva de epizootias em PNH.



Fonte: GT_Arbo/SVS/MS.

3.2 VIGILÂNCIA ATIVA

A vigilância ativa visa caracterizar aspectos geográficos e ambientais das áreas de monitoramento, e colecionar dados de ocorrência, de comportamento, e de distribuição de PNH, além de avaliar sua sanidade a partir da sorologia dos animais amostrados, de vida livre ou cativa.

Essa atividade reforça as ações de detecção precoce da circulação viral e predição de risco, na medida em que o adoecimento ou morte de primatas poderá ser observado durante a realização da atividade, antes mesmo do alerta decorrente da vigilância passiva. Por ser uma atividade que pode assumir caráter de pesquisa aplicada ao serviço, recomenda-se submeter previamente a proposta de vigilância ativa com atividades de captura e de manejo de primatas de vida livre aos órgãos competentes para licenciamento ambiental, sempre que a atividade não for relacionada com investigação de epizootias em curso suspeitas de FA (vigilância passiva) ou de outro risco à saúde pública.

3.3 FORMULÁRIO DE NOTIFICAÇÃO E DE REGISTRO DE DADOS

Além da **Ficha de Notificação/Investigação de Epizootia** (Anexo B) e **Sistema de Informação de Saúde Silvestre (SISS-Geo -)** estão disponíveis: a **Ficha Clínica e de Necropsia em Primatas** (Anexo C), utilizada para animais encontrados mortos ou eutanasiados e a **Ficha de Identificação de Primatas** (Anexo D), utilizada na amostragem de material biológico de animais vivos, como, por exemplo, em atividades de vigilância ativa ou de amostragem de animais contactantes daqueles encontrados mortos.



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

4. ROTEIRO BÁSICO DE INVESTIGAÇÃO DE MORTE DE PNH

- Verificar no local qualquer rumor de morte de PNH para determinar se realmente existem animais mortos.
- Realizar busca detalhada de informações, verificando a extensão da área afetada com registro fotográfico.
- Observar e consultar a população local sobre a presença de PNH e mosquitos na mata.
- Levantar o histórico vacinal dos moradores de áreas próximas e realizar a busca ativa de casos humanos suspeitos de febre amarela e/ou com referência de quadro febril recente.
- Obter com os moradores informações sobre ocorrência anterior e atual de PNH (vivos ou mortos) e data das mortes.
- Constatada a existência de PNH mortos e/ou doentes, a equipe de investigação deve preencher a Ficha de Notificação/Investigação de Epizootia (Anexo B), adicionando detalhes relevantes no campo “observações” ou em relatório complementar.
- Marcar a localização geográfica com o aparelho GPS, conforme recomendações deste Guia. Quando não disponível, a localização deve ser determinada por pontos de referência ou distância aproximada e direção a partir do ponto central do município.
- Existindo animal morto, coletar amostras para diagnóstico e avaliar as condições e indicações para a captura de vetores, podendo consultar e definir a estratégia de investigação em conjunto com as demais esferas de gestão do SUS (SES/SVS).
- Encaminhar as amostras, via Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen), aos laboratórios de referência regional ou nacional, de acordo com o fluxo de encaminhamento definido.
- Avaliar, em conjunto com as diferentes esferas de gestão, a necessidade de ações adicionais de intensificação da vigilância, da vacinação, da comunicação e do controle vetorial.

5. BIOSSEGURANÇA EM ATIVIDADES DE CAMPO

O trabalho de investigação de campo para Febre Amarela, que envolve a morte de PNH com manipulação e transporte de amostras de material biológico de animais silvestres provenientes da natureza ou de ambientes com comprovada circulação de patógenos, torna obrigatório o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) considerando o nível máximo de biossegurança para todos os profissionais presentes no local durante a investigação/coleta da amostra. Vale considerar que, mesmo que a investigação esteja direcionada para um determinado agente (por exemplo, vírus da febre amarela), a causa da morte do animal somente será comprovada após o resultado do diagnóstico laboratorial.

Cabe aos profissionais que realizam a captura, a coleta e o processamento de amostras de animais silvestres considerarem que todo animal (incluindo fluidos e tecidos) pode estar infectado por algum agente patogênico. A execução do trabalho deve ocorrer sem falhas para não elevar o risco de infecção por agentes eventualmente presentes.

Boas práticas de biossegurança para profissionais que atuam diretamente no manejo de espécies silvestres incluem ações de **nível de biossegurança 3**, considerando-se o maior risco de transmissão (via respiratória). Nesse nível de biossegurança, é enfatizada a utilização de barreiras primárias e secundárias, eficientes para a proteção dos profissionais contra uma possível infecção por qualquer agente que possa estar circulando no ambiente.

6. PRECAUÇÕES PARA O MANEJO DE ANIMAIS SILVESTRES

Os profissionais de campo envolvidos na captura, no manejo, na coleta e no processamento de material biológico de animais silvestres devem ter conhecimento sobre os tipos de riscos a que estarão expostos, as formas de exposição, as medidas de prevenção e de proteção individual e coletiva.

Profissionais que apresentarem fatores facilitadores de infecção (por exemplo, cortes, arranhaduras e queimaduras de pele ou de mucosa; debilidade física ou imunodeprimidos) **não devem participar de operações de campo, até que esses fatores estejam controlados ou eliminados.**

É necessário que os profissionais que atuam em investigações ecoepidemiológicas façam o controle de suas vacinas, sendo imprescindíveis as vacinas contra a febre amarela, o tétano e a hepatite B, além do esquema profilático antirrábico de pré-exposição, para o qual se torna obrigatória a avaliação sorológica, anualmente.

É de suma importância atentar-se para o uso adequado dos Equipamentos de Proteção Individual e Procedimentos Operacionais, além de precaução no manuseio de produtos químicos e limpeza, descontaminação de materiais e do local de trabalho e destinação de resíduos.



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

7. TÉCNICAS DE CAPTURA E MANEJO DE PRIMATAS NÃO HUMANOS

Para realizar a captura de PNH, é desejável que a equipe envolvida tenha o máximo possível de conhecimento das características bioecológicas desses animais. Levando-se em consideração o tipo de organização social característico de cada espécie, estratégias diferenciadas de captura devem ser adotadas (por exemplo, grupos monogâmicos ou poligâmicos), sendo necessária a presença de técnicos capacitados (profissionais de Biologia, Veterinária e áreas afins). Os hábitos alimentares de cada espécie devem ser previamente conhecidos ou observados para que se tenha noção sobre a melhor área ou mesmo época do ano para captura. A localização dos animais pode ser também percebida pela presença de vestígios, tais como fezes, odor, carcaças de animais mortos ou mesmo a vocalização dos PNH, que em algumas espécies é muito característica. O conhecimento da distribuição dos animais da região onde se pretende capturar, bem como o contato prévio com moradores da área para confirmar sua ocorrência, são requisitos essenciais para o êxito da captura.

Condições para captura de PNH:

- Permissão dos órgãos ambientais.
- Equipe multidisciplinar devidamente treinada.
- Contato com autoridades locais e proprietários das áreas.
- Georreferenciamento da área (GPS).
- Conhecimento prévio do local.
- Equipamentos de campo e de laboratório.
- Apoio de moradores da área (mateiros).
- Uso correto de todos os EPIs indicados.

Os protocolos para captura de de PNH de pequeno, médio e grande porte, bem como os tipos de armadilhas podem ser consultados no **Guia de vigilância de epizootias em primatas não humanos e entomologia aplicada à vigilância da febre amarela**.

Primatas encontrados mortos ou doentes, NÃO DEVEM SER REMOVIDOS do local. Os procedimentos de coleta de amostras devem ser realizados a campo, evitando o transporte de animais e minimizando os riscos biológicos envolvidos no procedimento.

8. PROCEDIMENTOS DE NECROPSIA E DE COLETA DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO DE FEBRE AMARELA

A coleta de amostras e a necropsia são procedimentos que se complementam. O primeiro é um procedimento operacional, constituído da abertura do cadáver do animal e da coleta de amostras biológicas para o diagnóstico da febre amarela ou outra enfermidade, sem interpretação e avaliação dos aspectos macroscópicos dos órgãos ou emissão de laudo. **A coleta de amostras pode ser realizada por um técnico devidamente treinado para este fim e, quando possível, supervisionado por um médico veterinário.**

A necropsia é uma técnica que exige maior habilidade profissional e é de competência do médico veterinário, será realizada em parceria com os profissionais do Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses de João Pessoa-PB, tendo por objetivo auxiliar na definição da *causa mortis* do animal.

O material obtido durante o procedimento de coleta de amostra ou necropsia deverá ser encaminhado ao Laboratório de Saúde Pública do estado da Paraíba (LACEN-PB) em condições adequadas para análise, acompanhado de relatório de coleta de amostra ou de laudo de necropsia, e com registro fotográfico. A coleta adequada de material para o diagnóstico de Febre Amarela representa parte imprescindível na investigação das epizootias em PNH.

8.1. LABORATÓRIO

Para a investigação laboratorial da Febre Amarela em Primatas Não Humanos (PNH), o encaminhamento de amostras (vísceras) para o LACEN-PB deverá seguir os seguintes critérios:

- a) Deverão ser encaminhados ao LACEN-PB apenas fragmentos pequenos de vísceras (fígado, rim, coração, baço, pulmão, linfonodos e cérebro) dos PNH (**Anexo E**).



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

- b) As amostras devem ser encaminhadas ao LACEN-PB acompanhadas da ficha de epizootia com dados do PNH.
- c) O envio de amostras ao LACEN-PB deve ocorrer sempre de segunda à sexta no horário das 08:00h às 17:00h.

Devem-se seguir as instruções para coleta e encaminhamento de amostras para investigação laboratorial de Febre Amarela - primatas não humanos (PNH) que consta no **Anexo E**.

9. ENTOMOLOGIA APLICADA À VIGILÂNCIA DA FEBRE AMARELA

Baseia-se na pesquisa de vírus a partir de mosquitos, cujo resultado positivo permite estabelecer vínculo epidemiológico entre esse achado laboratorial e o evento sob investigação, ou ainda predizer o risco de transmissão de arbovírus para animais e para o homem.

Para efeito das ações propostas no âmbito da entomologia aplicada à vigilância de casos humanos e epizootias suspeitas de FA, distinguem-se as ações de caráter ativo daquelas de caráter passivo, a depender do objetivo que se pretende.

Por ativa entendem-se as ações que se baseiam no monitoramento de áreas estratégicas (sentinelas e vulneráveis/receptivas), com o intuito de acompanhar espacial e temporalmente populações de culicídeos potencialmente vetores, detectar precocemente a circulação viral e definir áreas com potencial de transmissão (receptivas), nas quais serão desencadeadas medidas preventivas.

Passiva, por sua vez, refere-se às atividades desencadeadas por ocasião de notificações de casos humanos ou epizootias em PNH suspeitos de FA, a partir das quais são desencadeadas medidas de bloqueio de transmissão. Nessa modalidade, são levantados dados que contribuem para classificar os eventos notificados como descartados ou confirmados, a depender dos resultados encontrados.

9.1 CAPTURA DE VETORES

Em situações de focos naturais de transmissão do vírus em atividade, as capturas de vetores do vírus da febre amarela devem levar em consideração a notificação prévia de mortes de PNH e de casos humanos suspeitos. O reconhecimento geográfico da distribuição dos vetores pelo mapeamento das florestas primárias e secundárias indicado pela Vigilância Entomológica é de fundamental importância para a avaliação de risco. A identificação prévia da biocenose e as interrelações dos vetores com hospedeiros do vírus é base de apoio para a tomada de decisão e para proteger o envolvimento do homem no ciclo silvestre.

Os métodos de captura de vetores do vírus amarílico podem ser consultados no **Guia de vigilância de epizootias em primatas não humanos e entomologia aplicada à vigilância da febre amarela**.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento das Doenças Transmissíveis. Guia de vigilância de epizootias em primatas não humanos e entomologia aplicada à vigilância da febre amarela. 2. ed. atual. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

Equipe de Gestão

Jhony Wesllys Bezerra Costa
Secretária de Estado da Saúde

Renata Valéria Nóbrega
Secretária Executiva de Saúde

Arimatheus Silva Reis
Secretário Executivo de Gestão de Redes de Unidades de Saúde

Equipe de Elaboração

Talita Tavares Alves de Almeida
Gerente Executiva de Vigilância em Saúde

Aldenair Silva Torres
Diretora Técnica Lacen-PB

Haline Barroso
Gerência de Biologia Médica Lacen-PB

Emanoel Lira
Gerente Operacional de Saúde Ambiental

Francisco de Assis Azevedo
Chefe do Núcleo de Epizootias

Luiz Francisco de Almeida
Chefe do Núcleo de Fatores Biológicos e Entomologia

Silmara Pereira de Lima
Colaboradora do Projeto de Fortalecimento da Vigilância das Arboviroses

GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

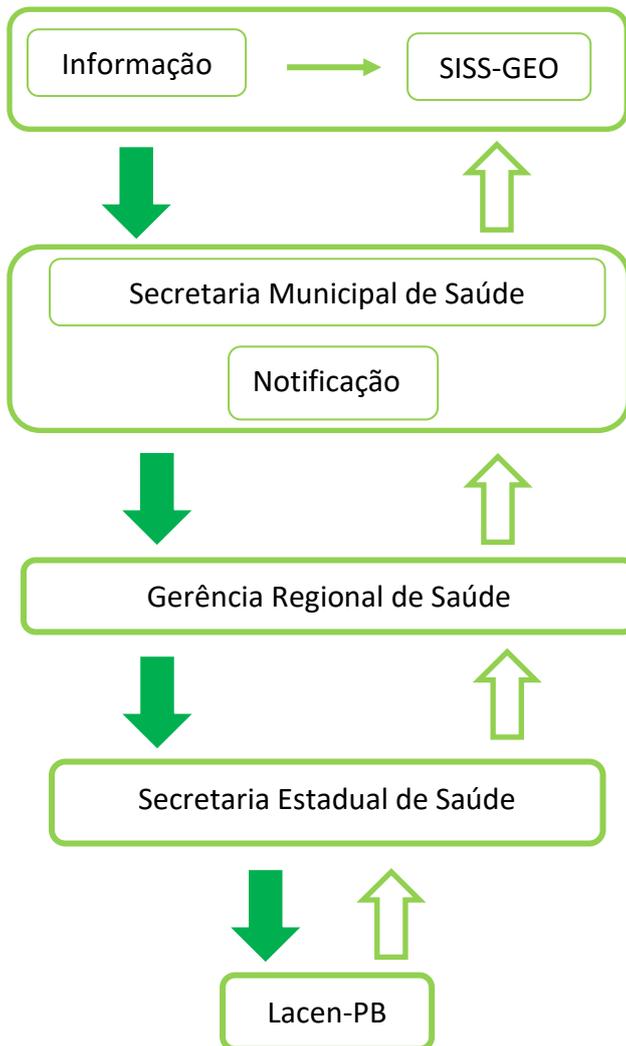
NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

ANEXOS

Anexo A – Fluxograma de notificação e informação de epizootias em primatas não humanos

MORTE DE PRIMATA NÃO HUMANO SUSPEITO DE FEBRE AMARELA



- Notificar a suspeita em até 24 horas;
- Investigar a suspeita em até 24 horas da notificação;
- Realizar busca ativa de casos humanos suspeitos de Febre Amarela;
- Coletar amostras de material biológico para diagnóstico laboratorial;
- Se indicado, coletar amostras de vetores para pesquisa de vírus;
- Enviar o material coletado para o Lacen-PB;
- Avaliar a necessidade de intensificar a vacinação da população na área de ocorrência.





GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

Anexo B – Ficha de notificação de epizootias em primatas não humanos

República Federativa do Brasil Ministério da Saúde		SINAN SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO		Nº		
FICHA DE NOTIFICAÇÃO/INVESTIGAÇÃO		EPIZOOTIA				
Definição do caso: Animal ou grupo de animais encontrados doentes e/ou mortos, incluindo ossadas, sem causa definida, que podem preceder a ocorrência de doenças em humanos						
Dados Gerais	1	Tipo de Notificação		2- Individual		
	2	Agravado/doença		EPIZOOTIA		
	3	Data da Notificação				
Dados de Ocorrência	4	UF	5	Município de Notificação		
	6	Unidade de Saúde (ou outra fonte notificadora)		Código	7	Data do início da epizootia
	8	Fonte da informação		9	(DDD) Telefone da fonte da informação	
	10	UF	11	Município de Ocorrência		
	12	Código (IBGE)		Distrito		
	13	Bairro		14	Logradouro (rua, avenida, ...)	
	15	Número		16	Complemento (apto., casa, ...)	
	17	Geocampo 1		18	Geocampo 2	
	19	Ponto de Referência		20	CEP	
	21	(DDD) Telefone		22	Zona	
23	Ambiente		1- Domicílio 2- Parque, praça ou zoológico 3- Área silvestre 4- Reserva ecológica 5- Outro			
24	Houve coleta de material para exame laboratorial		1- Sim 2- Não 9- Ignorado		25	Se houve coleta, informar a data
26	Se houve coleta, qual material		1- Sim 2- Não 9- Ignorado		<input type="checkbox"/> fígado <input type="checkbox"/> rim <input type="checkbox"/> baço <input type="checkbox"/> cérebro <input type="checkbox"/> coração <input type="checkbox"/> fezes <input type="checkbox"/> soro <input type="checkbox"/> sangue total <input type="checkbox"/> outro material Qual _____	
27	Animais acometidos		1- Ave 3- Canino 5- Felino 7- Primata não humano 9- Outros. 2- Bovídeo 4- Equídeo 6- Morcego 8- Canídeo selvagem Especificar _____		<input type="checkbox"/> Doentes _____ <input type="checkbox"/> Mortos _____	
28	Suspeita diagnóstica		1- Raiva 4- Encefalite Espongiforme Bovina 2- Encefalite Equina 5- Febre Amarela 3- Febre do Vírus do Nilo Ocidental 6- Influenza Aviária 7- Outro, Especificar: _____		<input type="checkbox"/> 1ª suspeita diagnóstica <input type="checkbox"/> 2ª suspeita diagnóstica <input type="checkbox"/> 3ª suspeita diagnóstica	
29	Resultado laboratorial		1- Positivo 2- Negativo 3- Inconclusivo 9- Ignorado <input type="checkbox"/> Raiva <input type="checkbox"/> Encefalite espongiforme bovina <input type="checkbox"/> Outro Especificar _____ <input type="checkbox"/> Encefalite equina <input type="checkbox"/> Febre amarela <input type="checkbox"/> Febre do Nilo <input type="checkbox"/> Influenza aviária			
Observações:						
Investigador	Município/Unidade de Saúde		Código da Unid. de Saúde			
	Nome		Função		Assinatura	
			Sinan NET		SVS 21/08/2008	



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

Anexo C – Ficha de necropsia

		FICHA DE ACHADOS CLÍNICOS E COLETA DE AMOSTRAS/ NECROPSIA				Nº																																										
Local	1	Município	2	UF	3	Localidade	4	Data da Epizootia																																								
	5	Nome da pessoa de contato			6	Ponto de Referência:																																										
	7	Endereço			8	Telefone		9	Data da Notificação:																																							
	10	Geocampo 1 S:			11	Geocampo 2 W:																																										
	CARACTERÍSTICAS DO LOCAL ONDE O ANIMAL ADOECIU/ MORREU																																															
Características do local onde o animal adoeceu/morreu	12	Tipo de local: <input type="checkbox"/>																																														
	13	Bioma: <input type="checkbox"/>																																														
	14	Se rural, tipo de atividade: <input type="checkbox"/>																																														
<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td>1- CETAS</td> <td>2- Zoológico</td> <td>3- Residência</td> <td>4- Área rural</td> <td>5- Área urbana</td> <td>6- Área silvestre</td> <td>7- Outro: _____</td> <td>9- N.I.</td> </tr> <tr> <td>1- Amazônia</td> <td>4- Cerrado</td> <td>1- Pecúaria</td> <td colspan="2">Atividade principal: _____</td> <td colspan="3">15 Apreendido do tráfico? <input type="checkbox"/></td> </tr> <tr> <td>2- Mata Atlântica</td> <td>7- Pampa</td> <td>2- Agricultura</td> <td colspan="2">Atividade principal: _____</td> <td colspan="3">16 Domesticado? <input type="checkbox"/></td> </tr> <tr> <td>3- Caatinga</td> <td>6- Pantanal</td> <td>3- Outros: _____</td> <td colspan="2"></td> <td colspan="3">1- Sim 2- Não</td> </tr> </table>									1- CETAS	2- Zoológico	3- Residência	4- Área rural	5- Área urbana	6- Área silvestre	7- Outro: _____	9- N.I.	1- Amazônia	4- Cerrado	1- Pecúaria	Atividade principal: _____		15 Apreendido do tráfico? <input type="checkbox"/>			2- Mata Atlântica	7- Pampa	2- Agricultura	Atividade principal: _____		16 Domesticado? <input type="checkbox"/>			3- Caatinga	6- Pantanal	3- Outros: _____			1- Sim 2- Não										
1- CETAS	2- Zoológico	3- Residência	4- Área rural	5- Área urbana	6- Área silvestre	7- Outro: _____	9- N.I.																																									
1- Amazônia	4- Cerrado	1- Pecúaria	Atividade principal: _____		15 Apreendido do tráfico? <input type="checkbox"/>																																											
2- Mata Atlântica	7- Pampa	2- Agricultura	Atividade principal: _____		16 Domesticado? <input type="checkbox"/>																																											
3- Caatinga	6- Pantanal	3- Outros: _____			1- Sim 2- Não																																											
IDENTIFICAÇÃO DO ANIMAL																																																
Dados do Animal	17	Gênero: <input type="checkbox"/>																																														
	18	Sexo: <input type="checkbox"/>		19	Idade: <input type="checkbox"/>		20	Peso: _____ Kg. N.I. <input type="checkbox"/>																																								
	<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td>1- Alouatta</td> <td>2- Ateles</td> <td>3- Callithrix</td> <td>4- Cebus</td> <td>9- N.I</td> <td colspan="3">Outro: _____</td> <td>Espécie:</td> </tr> <tr> <td>1- Macho</td> <td>2- Fêmea</td> <td>9- N.I.</td> <td>1- Filhote</td> <td>2- Juvenil</td> <td>3- Adulto</td> <td>4- Senil</td> <td>9- N.I</td> <td></td> </tr> </table>									1- Alouatta	2- Ateles	3- Callithrix	4- Cebus	9- N.I	Outro: _____			Espécie:	1- Macho	2- Fêmea	9- N.I.	1- Filhote	2- Juvenil	3- Adulto	4- Senil	9- N.I																						
	1- Alouatta	2- Ateles	3- Callithrix	4- Cebus	9- N.I	Outro: _____			Espécie:																																							
	1- Macho	2- Fêmea	9- N.I.	1- Filhote	2- Juvenil	3- Adulto	4- Senil	9- N.I																																								
21	Biometria																																															
22	Possui microchip? <input type="checkbox"/>																																															
Histórico Clínico	<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td>24 Estado geral do animal: <input type="checkbox"/></td> <td>25 Temperatura: _____ °C</td> <td>26 Presença de ectoparasitas: <input type="checkbox"/></td> <td colspan="6">1- Sim 2- Não 9- N.I</td> </tr> <tr> <td>1- Bom</td> <td>2- Regular</td> <td>3- Ruim</td> <td>9- N.I.</td> <td colspan="2"></td> <td colspan="2">Sim, qual (s)? _____</td> <td colspan="2"></td> </tr> <tr> <td>27 Freq. Cardíaca: _____ BPM</td> <td>28 Freq. Respiratória: _____ MPM</td> <td>29 Hidratação: <input type="checkbox"/></td> <td colspan="3">1- Hidratado 2- Desidratado 9- N.I.</td> <td>30 Dentição: <input type="checkbox"/></td> <td colspan="2">1- Sim 2- Não 9- N.I.</td> <td>1- Sim 2- Não 9- N.I.</td> </tr> <tr> <td colspan="2"></td> <td colspan="2">Saudável: <input type="checkbox"/></td> <td colspan="2"></td> <td colspan="2">Quebrado: <input type="checkbox"/></td> <td colspan="2"></td> </tr> </table>									24 Estado geral do animal: <input type="checkbox"/>	25 Temperatura: _____ °C	26 Presença de ectoparasitas: <input type="checkbox"/>	1- Sim 2- Não 9- N.I						1- Bom	2- Regular	3- Ruim	9- N.I.			Sim, qual (s)? _____				27 Freq. Cardíaca: _____ BPM	28 Freq. Respiratória: _____ MPM	29 Hidratação: <input type="checkbox"/>	1- Hidratado 2- Desidratado 9- N.I.			30 Dentição: <input type="checkbox"/>	1- Sim 2- Não 9- N.I.		1- Sim 2- Não 9- N.I.			Saudável: <input type="checkbox"/>				Quebrado: <input type="checkbox"/>			
	24 Estado geral do animal: <input type="checkbox"/>	25 Temperatura: _____ °C	26 Presença de ectoparasitas: <input type="checkbox"/>	1- Sim 2- Não 9- N.I																																												
	1- Bom	2- Regular	3- Ruim	9- N.I.			Sim, qual (s)? _____																																									
	27 Freq. Cardíaca: _____ BPM	28 Freq. Respiratória: _____ MPM	29 Hidratação: <input type="checkbox"/>	1- Hidratado 2- Desidratado 9- N.I.			30 Dentição: <input type="checkbox"/>	1- Sim 2- Não 9- N.I.		1- Sim 2- Não 9- N.I.																																						
			Saudável: <input type="checkbox"/>				Quebrado: <input type="checkbox"/>																																									
31	Data de início dos sintomas			32	Suspeita clínica <input type="checkbox"/>																																											
<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td>1- Febre Amarela</td> <td>2- Raiva</td> <td>3- Herpes</td> <td>4- Trauma</td> <td>5- Eletrocutado</td> <td>6- Outro: _____</td> <td>9- N.I.</td> </tr> </table>									1- Febre Amarela	2- Raiva	3- Herpes	4- Trauma	5- Eletrocutado	6- Outro: _____	9- N.I.																																	
1- Febre Amarela	2- Raiva	3- Herpes	4- Trauma	5- Eletrocutado	6- Outro: _____	9- N.I.																																										
33 Sinais e sintomas: 1- Sim 2- Não 9- Ignorado																																																
Febre Se sim: _____ °C <input type="checkbox"/>			Respiração ofegante <input type="checkbox"/>		Sialorréia <input type="checkbox"/>		Sinais hemorrágicos <input type="checkbox"/>																																									
Conjuntivite <input type="checkbox"/>			Midriase <input type="checkbox"/>		Trismo (mandíbula travada) <input type="checkbox"/>		Incoordenação motora <input type="checkbox"/>																																									
Letargia <input type="checkbox"/>			Opistótomos <input type="checkbox"/>		Bruxismo (ranger dos dentes) <input type="checkbox"/>		Paresia inferior <input type="checkbox"/>																																									
Depressão/ Apatia <input type="checkbox"/>			Secreção catarral <input type="checkbox"/>		Sonolência <input type="checkbox"/>		Convulsões <input type="checkbox"/>																																									
Anorexia <input type="checkbox"/>			Secreção nasal <input type="checkbox"/>		Inquietude <input type="checkbox"/>		Tosse <input type="checkbox"/>																																									
Emagrecimento <input type="checkbox"/>			Espasmos musculares <input type="checkbox"/>		Excitabilidade <input type="checkbox"/>		Lábios flácidos <input type="checkbox"/>																																									



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

Anexo D – Ficha de identificação de primatas de vida livre

UZV/CGDT/DEVIT/SVS Ministério da Saúde		FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PRIMATAS		Nº				
Local	1	Município	2	UF	3	Localidade	4	Data de captura
	5	Endereço			6	Nome/ Telefone de Contato		
	7	Geocampo 1			8	Geocampo 2		
	9	Ponto de Referência:						
Características do local de captura	10 Motivo da captura <input type="checkbox"/>							
	1- Epizootia 2- Área de interesse epidemiológico 3- Invest. casos humanos 4- Projeto: _____ 5-Outro: _____							
	11 Tipo de local: <input type="checkbox"/>							
	1- CETAS 2- Zoológico 3- Residência 4- Área rural 5- Área urbana 6- Área silvestre 7- Outro _____							
	12 Horário de captura: _____ h _____ min		13 Método de captura: <input type="checkbox"/>		14 Apreendido do tráfico? <input type="checkbox"/>		15 Domesticado? <input type="checkbox"/>	
	1- Armadilha 2- Dardos 3-Outro _____		1- Sim 2- Não		1- Sim 2- Não			
16 Bioma: <input type="checkbox"/>		17 Se rural, tipo de atividade: <input type="checkbox"/>		18 Horário de soltura: _____ h _____ min				
1- Amazônia 4- Cerrado		1- Pecuária Atividade principal: _____						
2- Mata Atlântica 7- Pampa		2- Agricultura Atividade principal: _____						
3- Caatinga 6- Pantanal		3- Outros: _____						
19 Animal procedente de área de captura? <input type="checkbox"/>				20 Anestésico usado: _____				
Se não, de qual Área?: _____				Nome: _____ Dose: _____				
Dados do Animal	21 Gênero: <input type="checkbox"/>							
	1- Alouatta 2- Ateles 3- Callithrix 4- Cebus 9- N.I. Outro: _____ Espécie: _____							
	22 Sexo: <input type="checkbox"/>		23 Idade: <input type="checkbox"/>		24 Peso: _____			
	1- Macho 2- Fêmea 3- NI		1- Filhote 2- Juvenil 3- Adulto 4- Senil		Kg:			
25 Biometria		26 Possui microchip? <input type="checkbox"/>						
Perímetro torácico: _____ cm		1- Sim 2- Não 9- N.I						
Perímetro encefálico: _____ cm		27 Foi microchipado? <input type="checkbox"/>						
Comprimento do corpo: _____ cm		1- Sim 2- Não 9- N.I						
Comprimento da cauda: _____ cm		28 Marcas ou cicatrizes? <input type="checkbox"/>						
Mão direita: _____ cm		1- Sim 2- Não 9- N.I						
Pé direito: _____ cm		29 Fez outra identificação do Animal? <input type="checkbox"/>						
Pavilhão auditivo direito: _____ cm		1- Sim 2- Não 9- N.I						
		Se sim, qual tipo? _____						
Histórico Clínico	30 Estado geral do animal: <input type="checkbox"/>							
	1- Bom 2- Regular 3- Ruim 9- N.I.							
	31 Temperatura: _____ °C		32 Presença de ectoparasitas: <input type="checkbox"/>					
			1- Sim 2- Não 9- N.I					
	33 Freq. Cardíaca _____ BPM		34 Freq. Respiratória _____ MPM		35 Hidratação: <input type="checkbox"/>		36 Dentição	
				1- Hidratado 2- Desidratado		1- Sim 2- Não Quebrado: <input type="checkbox"/>		
37 Observação Clínica (sist. respiratório, digestório e genito-urinário)								
38 Sintomas / Sinais Neurológicos: <input type="checkbox"/>								
1- Sim 2- Não Quais? 9- N.I.								



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

Material Coletado	39 Material Coletado									
	Colheita de Amostras				Exame Laboratorial					
		Nº de Amostras	Identificação das Amostras		IV	IH	PCR	Parasitológico	Outro	
	Fezes									
	Urina									
	Sangue									
	Soro									
	Gota Espessa									
	Secreções									
	Ectoparasitas									
Pêlos										
Secreção										
IV= Isolamento Viral				IH= Inibição de Hemaglutinação		PCR= Reação em Cadeia da Polimerase				
RESULTADOS LABORATORIAIS										
Resultados laboratoriais	40 Sologia/ IH			41 Sologia/ Neutralização			42 Parasitológico: <input type="checkbox"/> 1- Observado 2- Não Observado			
	1- Reagente 2- Não Reagente			1- Reagente 2- Não Reagente			Qual? _____			
	<input type="checkbox"/> Alphavirus Qual/Titulação: _____ <input type="checkbox"/> Orthobunyavirus Qual/Titulação: _____ <input type="checkbox"/> Flavivirus Qual/Titulação: _____			<input type="checkbox"/> Alphavirus Qual/Titulação: _____ <input type="checkbox"/> Orthobunyavirus Qual/Titulação: _____ <input type="checkbox"/> Flavivirus Qual/Titulação: _____			Sangue <input type="checkbox"/> Fezes <input type="checkbox"/> 43 Outros Resultados Laboratoriais: _____ _____ _____			
OBSERVAÇÕES										
Observações	44 Outras informações:									
	_____ _____ _____ _____ _____									
Investigador	45 Nome do responsável				46 Data da captura		47 Assinatura do responsável			
	48 Função				49 Telefone de contato					
Foto do Local onde o Animal foi Capturado:	50 Foto do Local onde o Animal foi Capturado:									
	Panorâmica					Local de captura				
_____ _____ _____ _____ _____					_____ _____ _____ _____ _____					



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

Fotos	51	FOTOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ANIMAL CAPTURADO	
	Foto de decúbito dorsal	Foto de decúbito ventral	
	Observação: _____		
	Foto decúbito lateral direito	Foto decúbito lateral esquerdo	
	Observação: _____		
	Foto face frontal	Foto perfil	
Observação: _____			



GERÊNCIA:

Executiva de Vigilância em Saúde

GERÊNCIA OPERACIONAL:

Saúde Ambiental

NÚCLEO:

Zoonoses
Fatores Biológicos e Entomologia

Anexo E – INSTRUÇÕES PARA COLETA, TRANSPORTE E ENCAMINHAMENTO DE AMOSTRAS PARA DIAGNÓSTICO LABORATORIAL DE FEBRE AMARELA EM PRIMATAS NÃO HUMANOS

TIPO DE DIAGNÓSTICO (PRIMATA NÃO HUMANO)	TIPO DE MATERIAL	PROCEDIMENTO DE COLETA	ARMAZENAMENTO E CONSERVAÇÃO	ACONDICIONAMENTO E TRANSPORTE	OBSERVAÇÃO
Isolamento viral e PCR	Vísceras	Coletar fragmentos pequenos do fígado, rim, coração, baço, pulmão, linfonodos e cérebro. A obtenção das amostras deverá ser feita o mais precoce possível (ideal até 8 horas após óbito; no máximo em 24 horas).	Frasco plástico estéril com tampa de rosca resistente à temperatura ultrabaixa. (Capacidade 15 ml)	Colocar em saco plástico individualizado em caixa de transporte de amostras biológicas contendo gelo reciclável.	Acompanha ficha de epizootia com dados do PNH. Os órgãos devem ser armazenados em frascos separadamente.
Histopatológico Imunohistoquímica	Vísceras	Coletar fragmentos pequenos de fígado, rim, baço, coração, pulmão, linfonodos e cérebro. A obtenção das amostras deverá ser o mais precoce possível (ideal até 8 horas após óbito; no máximo em 24 horas).	Colocar os fragmentos de vísceras em frasco com tampa de rosca contendo formalina tamponada 10% com volume 10 vezes maior que o volume dos fragmentos).	Colocar os frascos em caixa de transporte de amostra biológica sem gelo. Conservar em temperatura ambiente.	Acompanha ficha de epizootia com dados do PNH.